

Cultura material e conhecimento histórico em crianças

Soraia Freitas Dutra¹

Resumo: A complexidade acerca da aprendizagem da história pelas crianças é consenso entre pesquisadores do ensino e aprendizagem em História. No entanto, grande parte dos estudos realizados aponta para a importância dos métodos utilizados pelos professores no desenvolvimento e aprendizagem histórica, redobrando a importância na busca de alternativas para tornar esse conhecimento acessível às crianças. Neste artigo, discutiremos as possibilidades de desenvolvimento do conhecimento histórico em crianças, por meio da ação mediada pelos objetos da cultura material e pelo professor a partir de uma visita ao Museu do Escravo e à Fazenda Boa Esperança em Belo Vale – MG. A ação mediada dos objetos da cultura material e do professor relevou-se uma estratégia capaz de promover o desenvolvimento de habilidades cognitivas e operações de natureza temporal, favorecendo a aprendizagem da História pelas crianças.

Palavras-chave: ensino de história; aprendizagem e objetos da cultura material.

Résumé: La complexité concernant l'apprentissage de l'histoire par les enfants est consensus entre des chercheurs de l'enseignement et apprentissage dans Histoire. Néanmoins, grande partie des études réalisées indique pour l'importance des méthodes utilisées par les enseignants dans le développement et l'apprentissage historique, en redoublant l'importance dans la recherche d'alternatives pour rendre cette connaissance accessible aux enfants. Dans cet article, nous discuterons les possibilités de développement de la connaissance historique dans des enfants, au moyen de l'action négociée par les objets de la culture matérielle et par l'enseignant a partir d'une visite au Musée de l'Esclave et à l'Exploitation agricole Bonne Espoir dans Belo Vale - MG.

L'action négociée des objets de la culture matérielle et de l'enseignant s'est soulevée une stratégie capable de promouvoir le développement d'habilités les plus cognitives et opérations de nature séculière, en favorisant l'apprentissage de l'Histoire par les enfants.

Palavras-chave: l'enseignement de la histoire; apprentissage et objets de la culture matérielle

A visita ao Museu do Escravo em Belo Vale objetivou ampliar as possibilidades de estudo sobre parte da memória histórica da escravidão em Minas no século XVIII e XIX, por meio de objetos da cultura material. O Museu do Escravo localiza-se no município de Belo Vale, e segundo informações oferecidas no site do museu este “reúne significativo acervo, composto por aproximadamente 3000 (três mil) peças, no qual se destacam equipamentos domésticos, de uso pessoal, de devoção e de culto, instrumentos de castigo e

¹ Professora da Escola Fundamental do Centro Pedagógico da UFMG. Mestre em Educação – FaE-UFMG.

penitência, que são, em sua totalidade, vestígios da cultura material produzida e experienciada pelo escravo negro”²².

Apresentaremos uma atividade, desenvolvida neste museu denominada DETETIVE³³ que teve por objetivo o levantamento, pelas crianças, de evidências relativas à natureza e relações de trabalho escravo no Brasil e, mais especificamente, em Minas Gerais,. Esperava-se que as crianças, a partir da mediação dos objetos vistos no museu, pudessem ampliar seus conhecimentos acerca da diversidade do trabalho escravo e das relações sociais de trabalho nesse “tempo da escravidão”. Assinalamos que momento anterior à ida ao museu, o grupo de crianças apresentava idéias incipientes acerca da diversidade do trabalho escravo. Predominava, entre elas, a idéia do trabalho nas fazendas e plantações e o trabalho doméstico e alguns poucos sinalizavam a existência do trabalho na mineração, oficinas, “comércio” (mascates).

Apresentaremos as discussões ocorridas entre nós e as crianças, em sala de aula, após a ida ao museu, dando destaque à duas questões que abordam diretamente o trabalho e a relação senhor e escravo, com o objetivo de verificarmos em que medida as idéias das crianças acerca desses temas foram enriquecidas e ou modificadas, em relação aos seus conhecimentos prévios⁴⁴Vejamos a primeira questão (ver a seguir) e as interações ocorridas em salas de aula entre as crianças suscitadas pela questão.

Questão 1 - Procure objetos relacionados ao trabalho escravo. Faça uma lista e desenhe-os.

A aula⁵

²² Maiores informações no site: www.dejore.com.br.

³³ A atividade completa pode ser vista na Dissertação de Mestrado intitulada *As crianças e o desenvolvimento da temporalidade histórica*, defendida no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação – UFMG em 2003, de autoria Soraia de Freitas Dutra, sob a orientação da profa Lana Mara de Castro Siman.

⁴⁴ A aula completa pode ser lida na Dissertação de Mestrado intitulada *As crianças e o desenvolvimento da temporalidade histórica*. Op Cit.

Profa.: ... Então vamos olhar aí quem fez, o que fez... Car...Só a Car que fez!?

Todos: Não!!!

Profa.: Então, vamos lá!...

Car: ...uma lista... **balaio para carregar frutos, serrote para serrar, almocafre para trabalhar na mineração... aquele negócio...**

Profa.: Mas isso a cê... Ta... Descaroador, alguém sabe dizer pra ela?

And: Descaroador é pra separar o algodão do caroço.

Profa.: Tá, mas pra que serve?

And: É pra... perdi o fio...

Vít: Bateia eles usavam para separar o ouro do cascalho, balaio pra carregar...
panela para cozinhar alimentos...

Mat: Fessora, era pra escrever desse jeito?

Profa.: Bem, teve gente que fez assim... mas, tava só pedindo o nome dos objetos.
Vamos ver se alguém fez diferente.

Mat: (Inaudível)

Ale: **Lista de objetos: almocafre, bateia, cesta de palmeira, (...). Atividade: cana-de-açúcar, criação de gado, mineração...**

Profa.: Quem mais quer falar?...

Laí: **Eu coloquei balaio, pilão, colhedor de frutos, colher de pau...**

(inaudível)

And: O fazendeiro fazia chapéu, aí ele vendia. Era fruto do trabalho dele?

Profa.: (...) Quem mais quer falar... É um pouco do que o Mat e a Ales fizeram...
Agrupar um conjunto de objetos, por exemplo, os tachos, as panelas, as colheres de pau eram usados aonde?

(criança não identificada): Trabalho doméstico.

Profa.: E a bateia e o almocafre?

Vít: ... era pra ser usado num serviço pesado...

Profa.: De mineração. Depois de ver todos esses objetos, qual era a atividade desenvolvida pelos escravos? (silêncio). Vamos pensar um pouco nisso.

Ali: Juntando tudo isso, fessora?

⁵ Sobre a coleta de dados da pesquisa é importante dizer que estes foram selecionados de aulas e atividades em que os objetos da cultura material estiveram diretamente presentes no trabalho como mediadores nos processos de aprendizagem. As discussões em sala de aula foram tomadas por meio dos registros etnográficos realizados com apoio de bolsistas de iniciação científica do Projeto ao qual o trabalho se vinculou. As falas que revelaram as identidades/identificação dos objetos pelas crianças e que, portanto, foram objeto de nossas análises, aparecem destacadas em negrito.

Profa.: Vamos lá! Alguém gostaria de fazer esse esforço de pensar, organizar as idéias, fazer uma síntese, um resumo pra poder organizar as idéias pra falar sobre o trabalho escravo...

And: O trabalho escravo era feito com vários utensílios.

Mat: Eram várias as atividades (...)

Profa.: Quem será que plantava as coisas, que produzia... Vamos pensar...

And: (inaudível)

Profa.: Se eu fosse fazer um texto sobre trabalho escravo, como é que eu faria? O And deu uma idéia de que eles tinham vários utensílios, o Mat deu outra idéia, a de que eram **variadas as atividades**... Bry, quê que cê acha? (...)

Bry: Cada um faz uma coisa... Há, um ia pegar ouro...

Profa.: Além do ouro, com o trabalho com o ouro, quê que cê acha que eles faziam?

Bry: Eles **trabalhavam na plantação de café**?

Profa.: Boa!

Rod: Eu acho que eles trabalhavam em casa, trabalhavam no campo... Eles faziam trabalhos braçais.

Car:?

And: Num tinha plantação de café, mas tinha de cana-de-açúcar.

Profa.: Isso! Aonde? Vamos pensar? Isso é aonde? Em Minas...

And: Minas...

Profa.: Cê acha que esse nome tem a ver com alguma coisa?

Car: Acho que aqui em Minas era o lugar que mais tinha ouro. Aí os espanhóis foram chegando...

Profa.: Os espanhóis!?

Car: Os portugueses.

(Inaudível)

And: Era chamado Minas Gerais porque era o estado que mais tinha minas de ouro.

Profa.: Vamos voltar pras atividades. (...) Muitas delas a gente já conseguiu organizar... plantação de açúcar...

Ali: Várias plantações...

Profa.: Mineração... Quê mais? Trabalho doméstico... Aí a Ali falou na fabricação de chapéus. Por que Aline?

Ali: Num tinha aquele chapéu lá?

Profa.: Mas ele falou que aquele chapéu tava fora do lugar... Acho que era um chapéu usado por bandeirantes...

Jul: (Inaudível).

Mat: O chapéu era mais usado na plantação.

Profa.: A 1ª coisa pra gente entender é que o trabalhador escravo trabalhava em várias atividades, na mineração... tinha tecelagem?

Todos: Tinha!!!

Profa.: Por quê?

And: (Inaudível)

Gab: Tinha o tear fessora...

Profa.: Tinha o tear, a roda de fiar...

Ao solicitar às crianças que elaborassem uma síntese sobre o trabalho escravo a partir do que viram no museu, elas afirmaram:

And: ‘O trabalho escravo era feito com vários utensílios’.

Mat.: “Eram várias as atividades (...).”

Essas conclusões a que chegam as crianças e as discussões por elas realizadas nos permitem dizer que a mediação dos objetos vistos no museu permitiu a ampliação dos conhecimentos das crianças acerca da diversidade do trabalho escravo em Minas Gerais e no Brasil.

A sequência de interações que passaremos a analisar referem-se à questão 2 da atividade “Detetive”:

Questão 2 - Procure objetos que podem nos contar sobre o modo como os escravos eram tratados pelos seus donos. Liste e desenhe os objetos.

Essa questão pretendeu, como a primeira, compartilhar e ampliar as aprendizagens por meio de nossa ação mediadora.

Como veremos a seguir, numa série de sequências observadas no transcurso dessa aula, as crianças extraem dos objetos aspectos reveladores da relação entre senhores e

escravos, ressaltando o castigo, a tortura, a violência física, demonstrando um entendimento de que o tempo da escravidão foi um tempo de coerção e de resistência

Profa.: Aí, a 2ª atividade era com relação aos objetos de castigo com os donos...

Nat: **Tronco, máscara de tortura, calceta pra pernas, (...)** (inaudível).

Profa.: Quem mais colocou alguma coisa?

Laí: Eu coloquei **chicote**.

Vít: ... tamanco de tortura, máscara de tortura, correntes,...

Ali: ... **tamancos de tortura, gargalheira de três hastes, chicote, forca, sapato de tortura...**

Profa.: Mas tinha forca lá!?

Ali: Tinha!!!

Ale: Professora, **é o tronco!**

Profa.: Cê tá falando no meio do pátio?

Alie: Não, foi lá dentro...

Profa.: É o tronco... Inclusive, ele foi lá pra exposição de São Paulo. (...) E daí gente, a partir desses objetos, qual a 1ª relação que vocês podem tirar daí?

And: **Violência...**

Mat: **Eu coloquei tortura, castigo...**

Como vimos, no decorrer das interações verbais, os objetos foram reveladores da relação entre senhores e escravos, o que trouxe imediatamente a questão da violência, da tortura e do castigo: And: ‘Violência..’ / Mat: “Eu coloquei tortura, castigo...”

Tendemos a dizer que o conjunto dos objetos de tortura que compõe grande parte do acervo do museu acabou por reforçar a perspectiva historiográfica que se preocupa em denunciar os aspectos coercitivos da escravidão.

Essa aula, além das discussões acerca do trabalho forçado, da coerção na relação entre senhor e escravo, trouxe também outras reflexões acerca da figura do capataz, da conquista da carta de alforria, da Lei Áurea e, por fim, da idéia da resistência escrava, entre outros temas.

Car.: **documento de alforria era uma coisa cara ou qualquer escravo podia comprar?**

Profa.: ... Olha gente a pergunta da Car!

Ales: (inaudível).

Profa.: Qual foi a pergunta da Car?

Car: Se a carta de alforria era muito cara?

Profa.: E aí?

And: Era uma carta cara a ponto deles esconderem ouro na boca.

Ali F: Fessora, eu acho que era uma carta cara, porque se não eles já estariam livres há muito tempo.

(inaudível)

profa.: Então cês acham que tem... se a gente fosse pensar na relação... tem que pensar no que a Pri falou, ele tinha um dia de folga...

Nat: Esses castigos eram muito pesados. Quanto mais os escravos iam fazendo coisa errada, eles iam sendo castigados e eles iam perdendo as forças... Os castigos deveriam ser menos um pouco!!!

Profa.: Hãh... Olha só que interessante a colocação da Nat, será que era tão interessante o escravo ser muito castigado e perder as forças?

Gab: ... quando o barão usava o tamanco de tortura...

Profa.: Será que era o barão que castigava, que pegava?

Otá: Era o capataz.

Profa.: Isso, um capataz. Era um funcionário que vigiava...

Nat: ... por que os escravos eram maltratados?

Profa.: Quem pode responder a pergunta da Nat? Fala a sua pergunta...

Nat: Era que antigamente os escravos eram castigados e hoje os empregados não são! Por que os escravos eram maltratados?

Ali: Naquela época era uma regra.

Nat: Mas hoje num tem nada!!!

Profa.: Será!? Se eu maltratar um funcionário não via acontecer nada?

And: Tem sim, fessora, (confuso).

Mat: (inaudível)

Profa.: ... então tinha uma regra e em 1888 tem uma lei pra mudar essa regra? O quê que muda?

Laí: Muita coisa!

Profa.: O quê que muda?

Sar: ... a vida deles vão mudar, eles vão poder fazer um monte de coisa que eles não podiam fazer. Num tinha castigo... Antes eles eram tratados como coisa.

Profa.: Será que era tão interessante ficar castigando o tempo todo?

Pri S: Eu acho que não castigava o escravo à toa não! O escravo custava dinheiro.

Profa.: Como cês acham que era essa relação?

Mat: Num era tão ruim assim não!

Sar: Fessora, eu também acho que não era tão ruim assim não!

Profa.: Quando eu perguntei da 1ª vez, todo mundo só falou em tortura, em castigo e agora não...

Como vimos, a mediação promovida foi fundamental no processo de ‘desconstrução’ de algumas imagens simplificadas sobre alguns aspectos da escravidão. A idéia do escravo apenas como vítima do processo foi sendo questionada e as crianças puderam refletir sobre suas possibilidades de resistência.

Ales: Se o escravo sabia que não podia lutar capoeira, por que ele lutava?

Profa.: Olha que legal a pergunta da Ales. Porque eles faziam se sabiam que iam ser castigados?

Pri S: Eu acho que eles honravam o que eles faziam...

Car: Porque era um tipo de religião...

Ali: Porque eles queriam comemorar alguma coisa.

Nat: Eles pensavam que nos finais de semana eles podiam fazer isso...

Profa.: A pergunta da Ales é mais pra saber por que eles continuavam fazendo uma coisa que eles sabiam que seriam castigados.

Sar: Ahhh, por causa das tradições de lá...

Em outro trecho da aula aparece:

Profa.: É que eles tinham um jeito de ser e de viver deles, que por mais que o capataz lá, como disse o Otá, olhasse, vigiasse, eles tinham as tradições deles... (...) E por que eles tentavam fugir?

Rod: ... porque eles não trabalhavam porque queriam, era a força.

Sar: Porque eles estavam cansados de ser castigados...

Ales: Porque os barões não deixavam eles treinarem capoeira 10 minutos, se era uma coisa que eles gostavam. O dia tem 24 horas!

Mat: Se eles treinassem e depois ficassem bons, eles iam lá e quebravam eles todinhos!!!

Profa.: Muito legal! Porque a capoeira era uma luta. Os barões tinham muito medo da capoeira... (...).

Vemos também que a questão da violência e do castigo foi sendo aos poucos questionada. Essas reflexões ficam claras nas falas das crianças:

Profa.: Será que era tão interessante ficar castigando o tempo todo?

Pri S: Eu acho que não castigava o escravo a toa não! O escravo custava dinheiro.

O conjunto de objetos, aqui tomados como testemunhos da história e, portanto, portadores de memória histórica de um período específico da história do país no contexto das interações entre os pares e professor, permitiu a consolidação e a ampliação do entendimento de diferentes aspectos da sociedade escravista como a diversidade do trabalho escravo, a relação senhor e escravo, a coerção e a resistência escrava, permitindo uma maior compreensão desse tempo social e histórico.

Através dos objetos portadores de memórias sobre o tempo da escravidão foi possível uma melhor compreensão acerca da diversidade do trabalho escravo e uma melhor caracterização/significação da sociedade escravista e do tempo da escravidão. Ao mesmo tempo, foi possível desconstruir concepções e visões estereotipadas sobre o passado escravocrata, através dos diálogos estabelecidos na sala, associados às memórias apreendidas a partir da mediação dos objetos.

Esse processo de ampliação da compreensão do tempo histórico da escravidão facilitou um maior entendimento do passado e suas diferentes conformações, levando à compreensão acerca da multiplicidade do tempo histórico.

Por fim, é importante ressaltar a visita prévia que fizemos ao museu para conhecermos o seu acervo e definir o tema e os aspectos a serem abordados em nossos estudos e, portanto, investigados pelas crianças. Estávamos conscientes das possibilidades e limites que o conjunto de objetos existentes no Museu nos apresentava. Como em qualquer museu ou lugar de memória é necessário compreender que “é impossível guardar todos os tipos de objetos existentes e temos, de todo modo, que fazer uma seleção de acordo com o que julgamos mais importantes seguindo critérios bem definidos”, como ensina Barbuy (1997:21) ao fazer referência ao trabalho de organização do acervo museológico.

Ressaltamos, ainda que, a maioria dos objetos em exposição no Museu de Escravos da cidade do Belo Vale era mais diretamente ligada ao universo do trabalho escravo (atividade mineradora, por estar localizado numa região aurífera) e à dimensão coercitiva da

escravidão, Diante dessas possibilidades, organizamos uma atividade que permitisse às crianças investigar esse tema para fins de posterior problematização. Destacamos assim que o conjunto de objetos do acervo pode ou não reforçar a perspectiva historiográfica com a qual o professor deseja trabalhar. Por isso, é preciso estar atento aos limites e possibilidades apresentadas pela coleção de objetos em exposição. É necessário que o professor tenha a clareza que os objetos do museu dificilmente darão conta da complexidade do conhecimento histórico a ser trabalhado. Faz-se necessário ressaltar que o acervo desse museu não apresenta a complexidade e a diversidade do que foi o trabalho escravo no Brasil colonial, o que certamente delimitou o universo de possibilidades de pensamentos das crianças. Sabemos que os objetos expostos no museu resultam de uma seleção e constroem um determinado discurso, tal como nos adverte Almeida e Vasconcellos (1997)

Do ponto de vista do uso de objetos como recurso metodológico, ficou muito evidente para nós a importância das questões que foram sendo colocadas pelas crianças e professores a fim de “explorarem” melhor as potencialidades dos objetos como mediadores da aprendizagem. Como afirma Horta ‘o objeto não fala por si só’. Cabe ao professor como mediador do processo de aprendizagem, possibilitar diferentes formas de interações com os objetos. Segundo Wertsch (1991), as ferramentas culturais isoladamente não podem produzir ações. Elas só podem exercer algum tipo de impacto sobre os indivíduos no contexto das interações entre as ferramentas e os sujeitos envolvidos nas interações.

As possibilidades apresentadas pela utilização dos objetos da cultura material, como recursos mediacionais na construção do conhecimento histórico, foram bastante amplas. Relembrando Horta (1999), as potencialidades de exploração contidas nos objetos reais são inúmeras, devido às variadas informações neles contidas. Como portadores de memória coletiva, podem ser tomados como importantes fontes de construção do saber histórico, dentre as inúmeras outras fontes que a Nova História ousou ampliar e diversificar. Por essa razão, é preciso ter clareza das habilidades, operações e conceitos a serem desenvolvidos pelas crianças, quando os objetos da cultura material são tomados como recursos mediacionais no processo de ensino–aprendizagem da História.

Como nos ensina Horta, “cada produto da criação humana, utilitário, artístico ou simbólico é portador de sentidos e significados, cuja forma conteúdo e expressão devemos aprender a ler e decodificar” (Horta, 1999, 9).

A especificidade dos objetos, uma, dentre outras fontes históricas e mediadores possíveis, reside principalmente na sua concretude e no seu apelo como testemunho vivo e

real da história que permaneceu no tempo. A cor, a textura, o peso, a temperatura, a forma e próprio caráter tridimensional são elementos que dotam os objetos de uma dimensão de realidade. Em presença deles, as crianças ficam diante de dimensões reais da existência do passado. Certamente é muito diferente a sensação de estar diante de uma bateia e de um almocafre e estar diante de uma imagem mental, desenho ou foto desses objetos, por exemplo. Estar diante da ‘calceta’ de ferro, máscaras, tamancos de tortura e troncos pode mobilizar imaginações, sensações de espanto, repulsas, medo. Além disso, a existência desses objetos leva as crianças a imaginarem situações de uso e contextos de ações em que eles aparecem.

Parece que a natureza tangível dos objetos favorece o desenvolvimento da consciência de um tempo passado, assim como a compreensão de conceitos históricos como aqueles muitos ligados ao da escravidão, no caso em estudo.

Segundo Horta:

“Nada substitui o objeto real como fonte de informação sobre a rede de relações sociais e o contexto histórico em que foi produzido, utilizado e dotado de significado pela sociedade que o criou. Todo um complexo sistema de relações e conexões está contido em um simples objeto de uso cotidiano, uma edificação, um conjunto de habitações, uma cidade uma paisagem, uma manifestação popular, festiva ou religiosa ou até mesmo em um pequeno fragmento de cerâmica originário de um sítio arqueológico”. (Horta, 1999:9)

Longe de encerrar todas as discussões acerca do contexto histórico estudado, o uso de objetos da cultura material no processo de ensino-aprendizagem, traz implícito, um estilo de aprendizado aberto, investigativo, que encoraja interações e debate entre pares (Hawkes, 1996) Como recurso didático seu uso traz subjacente um permanente convite à pesquisa e à investigação.

Bibliografia:

- ALMEIDA, A.M. e VASCONCELLOS, C.M. Por que visitar os museus. IN: BITTENCOURT, Circe. *O saber Histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1997 - Repensando o Ensino.
- DUTRA, Soraia Freitas. As crianças e o desenvolvimento da temporalidade histórica. Belo Horizonte, Faculdade de Educação - UFMG, 2003 (Dissertação de Mestrado) 245 p.
- HAWKES, Ângela. Objects or Pictures in the Infant Classroom? *Teaching History*, nº 85, October, 1996.
- HORTA, Maria de Lourdes P. Educação Patrimonial. *Boletim do Museu Imperial*. Petrópolis, RJ, 1996.

HORTA, Maria de Lourdes P. *Guia Básico de Educação Patrimonial*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial. 1999.